



UEPB
Universidade
Estadual da Paraíba

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO MÉDIO, TÉCNICO
E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
CURSO DE PEDAGOGIA – PARFOR/CAPES/UEPB**

VIVIANE APARECIDA DE MEDEIROS

A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

CAMPINA GRANDE, PB

2015

VIVIANE APARECIDA DE MEDEIROS

A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado à Universidade Estadual da Paraíba como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientador(a): Profa. Dra. Valdecy Margarida da Silva

CAMPINA GRANDE, PB

2015

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

M488i Medeiros, Viviane Aparecida de
A importância da Literatura na educação infantil [manuscrito]
/ Viviane Aparecida de Medeiros. - 2015.
33 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Pedagogia do PARFOR EAD) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2015.

"Orientação: Profa. Dra. Valdecy Margarida da Silva, Secretaria de Educação à Distância".

1.Literatura infantil. 2.Leitura. 3.Criança. I. Título.

21. ed. CDD 028.5

VIVIANE APARECIDA DE MEDEIROS

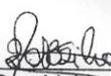
A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

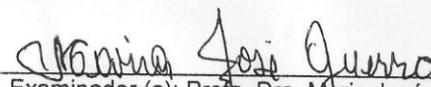
Trabalho de Conclusão do Curso
apresentado à Universidade Estadual da
Paraíba como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciatura Plena
em Pedagogia.

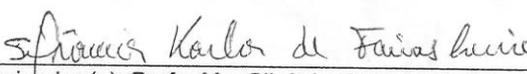
Data de avaliação: 01 / 08 / 2015

Nota: 9,0

BANCA EXAMINADORA


Orientador(a): Prof. Dra. Valdecy Margarida da Silva
(UEPB)


Examinador (a): Prof. Dra. Maria José Guerra
(UEPB)


Examinador (a): Prof. Ma. Silvânia Karla de Farias Lima
(UEPB)

Dedico ao meu pai, que sempre compartilhou comigo este sonho de alcançar uma formação superior.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, que iluminou o meu caminho durante esta caminhada.

A meu filho Sylvio Victor, que teve paciência de conviver com minha ausência, certo do meu amor, abrilhantando de maneira especial cada pensamento.

Agradeço também ao meu esposo, Severino Joel, que me apoiou nessa busca de conhecimentos e em todos os momentos de dificuldade.

Não posso deixar de agradecer de forma sincera e especial aos meus pais, Maria Aparecida e Pedro Ferreira, pois sem eles eu não existiria.

A cada criança que passou pelo meu caminho, levando um pouco de mim e deixando muito de si.

À professora Silvânia, que ao longo do curso contribuiu com carinho para a realização dessa caminhada.

Às minhas amigas e companheiras Gerlâne Duarte e Aparecida Arruda, que nas horas de dificuldades, me incentivaram a não desistir e a perseverar na busca incansável de concluir a Licenciatura em Pedagogia

Obrigado a todos aqueles que acreditaram que eu chegaria ao fim, conquistando essa vitória tão desejada e esperada, numa batalha tão difícil pelo sucesso.

RESUMO

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa realizada sobre a importância da Literatura na Educação Infantil e tem como objetivo analisar a maneira como a Literatura Infantil pode auxiliar no desenvolvimento das crianças. Para tanto, delinearemos aqui um breve percurso histórico da Literatura Infantil desde seu surgimento até sua consolidação na escola, como também relataremos as experiências vivenciadas no estágio supervisionado na Educação Infantil, o que nos possibilitou notar o quanto a literatura se faz presente na sala de aula nestes primeiros degraus da formação discente e como ela é eficaz no ensino da leitura enriquecendo o conhecimento e a formação dos alunos de maneira prazerosa e lúdica, pois como veremos, é perceptível o quanto as crianças se interessam pelas histórias e o quanto isso favorece o seu desenvolvimento cognitivo, intelectual, emocional e social. As considerações aqui explanadas estão pautadas nas pesquisas de Coelho (2000), Betteheim (1978, 1980, 1996), Zilberman (1985), Abramovich (1995), Rocha (1983), entre outros. Através delas, confirmou-se que a leitura aprimora o caráter, a personalidade, a criatividade, a imaginação, além de criar grandes possibilidades de transformar a criança em um leitor crítico, capaz de exercer sua cidadania, sóbrio da realidade social na qual está inserido e com grandes possibilidades de transformar o seu futuro.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Infantil. Criança. Leitura.

ABSTRACT

This work is the result of a survey conducted about the importance of literature in kindergarten and aims to analyze the way the Children's Literature can help the development of children. Therefore report their experiences on the supervised training in early childhood education, which enabled us to note how literature is present in the classroom these early steps of the student training and how it is effective in teaching reading enriching the knowledge and the training of students in a pleasant and entertaining way, as we shall see, it is noticeable how much children are interested in the stories and how much it favors its cognitive, intellectual, emotional and social development. Considerations be detailed here are guided in rabbit studies (2000), Betteheim (1978, 1980, 1996), Zilberman (1985), Abramovich (1995), Rocha (1983), among others. Through them, it was confirmed that reading enhances the character, personality, creativity, imagination and create great possibilities to turn the child into a critical reader, able to exercise their citizenship, sober social reality in which it is inserted and with great possibilities to turn your future.

KEYWORDS: Children's Literature. Child. Reading.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 BREVE HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTIL	10
1.1 Literatura Infantil: um mundo de imaginação, sonhos e fantasias	14
1.2 O uso da literatura infantil na prática pedagógica	16
2 RELATÓRIOS DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO	22
2.1 Estágio Supervisionado I - Gestão escolar.....	22
2.2 Estágio Supervisionado II Educação Infantil.....	25
2.3 Estágio Supervisionado III (1° ao 5° ano do Ensino Fundamental)	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	33

INTRODUÇÃO

O presente trabalho faz um resgate da história da literatura infantil e dos caminhos trilhados por esse gênero até consolidar-se na escola como recurso didático, ressaltando a necessidade de firmar-se como obra literária reconhecida pelo cânone. A literatura infantil é uma fonte enriquecedora de conhecimento e informação e oferece momentos prazerosos e lúdicos para que as crianças. Desde muito pequena a criança deve ter contato com a literatura, pois isso ajuda muito no seu processo de aprendizagem.

Evidenciarei nesta pesquisa o quanto é importante o trabalho com a literatura infantil na sala de aula e como ela pode ser uma grande aliada no processo de aquisição da leitura. Sabe-se que as crianças são fascinadas por histórias e que essa favorece seu desenvolvimento cognitivo, intelectual, emocional e social. A inspiração para a realização dessa pesquisa surgiu a partir da observação do comportamento das crianças de 3 a 6 anos de idade, da Creche Padre Lambert de Groot, do município de Arara – PB.

A leitura proporciona a criança aprimorar seu caráter, sua personalidade, sua criatividade, imaginação e, futuramente, tornar-se um leitor crítico, apto a exercer sua cidadania, consciente da realidade social em que está inserido e das possibilidades de transformá-la.

Nesta perspectiva, este trabalho tem como objetivo mostrar como a literatura pode formar cidadãos que compreendam aquilo que leem, que consigam transmitir os elementos de uma história através da oralidade, da escrita ou das ilustrações, que possam transformar um texto numa narrativa prazerosa a quem ouve, que possam aprender ler o que não está escrito, que saibam que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto, que possam imaginar e criar. Como vem nos dizer Coelho (2000):

A literatura infantil é, antes de tudo, ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização (COELHO, 2000, p.27).

O desenvolvimento da imaginação infantil quando compartilhado, divulgado e aplaudido, faz da criança alguém envolvido com ideias, compreensivo, crítico e

modificador das situações prazerosas ou não, torna-se alguém com ideais. Ao experimentar a leitura, o leitor executa um ato de compreensão e interpretação do mundo, e através dessa compreensão pode modificar ou ressignificar o contexto no qual está inserido. O trabalho com literatura infantil tem como possibilidade de resultado a formação de leitores/escritores competentes.

Assim, será abordado no primeiro momento um histórico da literatura infantil e como ela se caracterizou no decorrer dos anos. Em seguida, será abordado como a literatura infantil contribui no processo de ensino e aprendizagem sob um olhar teórico e prático e, por fim, compreender como a utilização desse recurso refletirá na aprendizagem das crianças.

1 BREVE HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTIL

De acordo com pesquisa realizada por Garcia e Facincani (2015) sobre o histórico da literatura infantil, esta é um produto cultural da sociedade contemporânea que oferece à criança um meio de ser educada através de fábulas ou narrativas, não sendo este um fenômeno atual, pois contar histórias é um costume antigo e foi a partir dele que se originou a literatura infantil.

Ainda segundo as autoras, a literatura surgiu a partir da adaptação de contos populares contados por pessoas comuns em rodas de histórias. Antes disso, não havia preocupação em incluir as crianças na família ou na sociedade, porque a infância era totalmente desconsiderada, as crianças participavam juntamente com os adultos, da vida política e social, testemunhavam as guerras, a vida, as festas.

As pesquisadoras destacam que o livro infantil mais antigo de que se tem notícia é o “Livro dos Cinco Ensinamentos”, datado do século V e VI a.C., escrito em sânscrito, cujo conteúdo era ensinado a religiosos e políticos e eram dirigidos às crianças através de fábulas e narrativas, na Idade Média, com objetivos de educar moralmente, politicamente e religiosamente.

As estudiosas mostram ainda que os primeiros livros propriamente infantis surgiram entre os séculos XVII e XVIII. Até essa data não se escrevia para elas, pois não era considerada a questão da infância. Elas frequentavam os mesmos ambientes que os adultos. Porém, nenhum laço afetivo em especial as aproximava, tudo estava distante da realidade delas. Algumas obras foram publicadas, no século XVII, durante o classicismo francês, posteriormente classificado como literatura infantil, como: “Fábulas”, de La Fontaine, editada entre 1668 e 1694; “As aventuras do Telêmaco”, de Fénelon, editada em 1717.

Garcia e Fancicani (2015) enfatizam que a literatura infantil começa a delinear-se no início do século XVIII, quando, em 1697, Charles Perrault publicou os famosos “Contos da Mamãe Gansa”. Antigamente não se escrevia diretamente para crianças, pois eles não consideravam que existia infância: a criança era tratada como um adulto em miniatura, cujo período de imaturidade deveria ser encurtado. Elas destacam que Charles Perrault é considerado um grande precursor da literatura infantil, apesar de ter negado o gênero ao atribuir a autoria de “Os contos da Mamãe Gansa”, coletânea de vários contos como: A Bela Adormecida, O Barba Azul, O

Gato de Botas, As Fadas, Chapeuzinho vermelho, etc., a seu filho, por temer ser ridicularizado pela Academia Francesa de Letras, da qual fazia parte; mas graças a esta obra, foi imortalizado.

O conceito de literatura surge no momento em que as preocupações sociais se voltam para a criança, ela “passa a deter um novo papel na sociedade, motivando o aparecimento de objetos industrializados (o brinquedo) e culturais (o livro) ou novos ramos da ciência (a psicologia infantil, a pedagogia ou a pediatria) de que ela é destinatária” (LAJOLO & ZILBERMAN, 1988, p.17). Aparece, então, a necessidade de uma literatura que pudesse contribuir para sua formação como indivíduo, de moldar seus pensamentos e emoções, como nos fala Zilberman (1995):

A nova valorização da infância gerou maior união familiar, mas igualmente os meios de controle do desenvolvimento intelectual da criança e a manipulação de suas emoções. Literatura infantil e escola, inventada a primeira e reformada a segunda, são convocadas para cumprir esta missão (ZILBERMAN, 1995, p.13).

Além disso, com o crescimento urbano, a sociedade burguesa se fortalece como classe social dominante, pregando a família como instituição, pregando a vida doméstica, deflagrando um modelo a ser seguido, com interesses financeiros escondidos. Este estereótipo converte-se na finalidade existencial do indivíduo, tendo como beneficiário maior a criança, impondo a preservação da infância enquanto meta de vida – o que favoreceu o crescimento industrial ligado ao novo membro da família, como a industrialização de brinquedos, livros e o surgimento de novos ramos da ciência (pedagogia, psicologia infantil, pediatria), voltados à observação das atitudes infantis. No entanto, a preocupação dessas ciências é utilitarista. Ou seja, ansiosa em apressar o processo de amadurecimento infantil.

Neste século houve, também, outra grande mudança na sociedade, a escola surge como uma instituição que objetiva fortalecer a política e a ideologia burguesa, ou seja, a criança é confinada em internatos, onde predomina um regime disciplinar severo.

No século XIX, na França, surge a literatura trivial ou literatura de massa - o folhetim. Na imprensa de grande tiragem, junto à qual surge o folhetim, está a moderna indústria cultural. Tal indústria é um dos desdobramentos ideológicos do poder privado, pois explora o gosto de muitos e privilégio de poucos. A produção em série da literatura infantil faz com que se perca a noção de cópia única e a

identidade do autor. A escola passa a ser a instituição através da qual o escritor se sustenta, na medida em que fica submetido à demanda daquele público leitor.

No mesmo século XIX, surge a literatura infanto-juvenil brasileira com algumas obras esporádicas como “As aventuras do celeberrimo Barão de Munchhausen” (1891), que inaugura uma série de traduções e adaptações de histórias europeias. A partir do século XX, a literatura infantil se consolida e está comprometida com tarefa de contribuir para formar no aluno um futuro cidadão e o indivíduo de bons sentimentos, merecem destaque a obra de “Contos pátrios” (1904), de Olavo Bilac e Coelho Neto, a narrativa longa “Através do Brasil” (1910) de Olavo Bilac e Manuel Bonfim e “Saudade” (1919) de Tales de Andrade, além dos livros de Monteiro Lobato, entre outros.

Em particular, cogitamos que o aspecto literário, conhecido como literatura infantil, surge da consolidação da burguesia na sociedade, e é neste momento que nasce a concepção de infância, portanto, esse tipo de literatura neste período, ocorre como um mecanismo de manifestação da sociedade proletarizada a fim de alimentar a ideologia da nova classe dominante, que impõe o “ensino” como instrumento obrigatório, e o livro didático dentro desse quadro social tem como função colaborar para a intensificação dessa ideologia.

Silva (2009) afirma que no início do século XX, há uma reação nacional ao enorme predomínio que vinha de Portugal e da Europa. No entanto, no Brasil tivemos escrevendo literatura infantil. José Renato Monteiro Lobato, mais conhecido como, Monteiro Lobato, foi o primeiro escritor, que teve o respeito e o compromisso para com a infância, pois despertou um mundo de fantasia adormecido no imaginário infantil. Esse autor revolucionou a literatura infantil e isto decorre de sua postura inovadora, da relação de respeito que tinha com seu jovem leitor. Ele constata aquilo que os demais autores ainda não tinham percebido: a criança como um ser inteligente e capaz de juízos críticos. Deste olhar sobre o leitor partem as inovações propostas por Lobato e que inauguram uma nova trilha nos caminhos da população literária orientada para a criança e o jovem.

A sua opção pelo mercado infantil nasceu de um desencanto e de um acaso. Desencanto com os adultos, e da curiosa história de um peixinho que morreu afogado, ouvida por acaso numa conversa de fim de tarde em sua editora. Essa anedota (que mais tarde Mário Quintana recontaria com o título de “Velha história”) constitui a sua Menina do Narizinho arrebitado, versão inicial de “Reinação de

Narizinho”, primeiro de uma coleção de mais de vinte volumes que compõem a saga do “Sítio do Pica-pau Amarelo”. Talvez o Reino das Águas Claras e o Príncipe Escamado não existiriam, se Lobato não tivesse ouvido essa paradoxal história do peixinho afogado.

Lobato acreditava firmemente que para as crianças aprenderem coisas novas devia ser através do prazer. Assim, apontando as falhas da escola, ele tratou de preencher as lacunas do ensino criando ficções onde a informação se somava à aventura, onde o dogmatismo era substituído pela experimentação e conceitos abstratos eram transformados em vivência concretas. São vários os volumes que ensinam disciplinas escolares: Emília no país da Gramática, Aritmética da Emília, Geografia de Dona Benta, História do mundo para crianças, Serões de Dona Benta. Mais do que ensinar conteúdos, os livros infantis da turma do Sítio ensinam os seus leitores a pensar, a questionar, a tirar conclusões, o que até então nunca havia sido meta das escolas brasileiras. A aprendizagem se faz, nesses livros, por meio do diálogo entre avó e netos e por meio de um processo altamente didático, de fracionar as explicações, acomodá-las à linguagem infantil e relacionar o conhecimento novo à experiência de vida das crianças.

O impulso que a literatura infantil e juvenil recebeu a partir dos anos 70 no Brasil e que ficou conhecido como o “boom” dessa modalidade literária, pôs em circulação, no país, uma produção altamente significativa, tanto em volume como em qualidade de material. Como consequência, os livros destinados às crianças e ao jovem, antes relegados aos desvãos das livrarias, passaram a ocupar espaços mais nobres. Não apenas nos locais de comercialização, mas também, e principalmente, no espaço escolar. A literatura infantil entra na escola não mais em antologias, mas nos livros originais. Isso, evidentemente, não garantiu que o tom moralizante e a voz do adulto ditando normas estivessem ausentes. Afinal, nem todos os nossos escritores são “filhos de Lobato”.

Na produção contemporânea, vemos Lobato emergir da escritura dos mais significativos autores, ele se faz presente na linguagem coloquial de Lygia Bojunga, no olhar questionador de personagens de Ana Maria Machado e no humor de Ruth Rocha. Concluímos, deste modo, que a literatura infantil, assume duas características: primeira, a dominação do jovem, no qual assume um caráter pedagógico, transmitir normas que influenciam na formação moral dos futuros adultos; a segunda compromete com o interesse da criança, transforma-se em um

meio de acesso real, ao domínio linguístico, a novas experiências através das leituras. Este segundo aspecto é um componente importante e indispensável no desenvolvimento intelectual da criança.

Monteiro Lobato conseguiu resgatar o universo mágico que existe no imaginário de cada criança, e as fez sonhar com um mundo que só existe nos sonhos infantis. Deste modo, ajudou muitas crianças na boa formação de caráter, pois suas obras, além de conter muita criatividade, retratam o certo e o errado de uma maneira sutil e delicada, que somente quem é criança consegue interpretar. Monteiro Lobato não ensinou a criança a sonhar, mas, sem dúvida nenhuma, deu a elas milhares de novos sonhos.

1.1 Literatura Infantil: um mundo de imaginação, sonhos e fantasias

A criança que desde o ventre da mãe ouve histórias e quando cresce tem contato com a literatura, provavelmente, se tornará um adulto leitor que compreende melhor a si e o outro, terá a oportunidade de desenvolver melhor suas habilidades, aprimorar seus conhecimentos e perceber o mundo e a realidade que a cerca.

Em nosso país, poucas crianças têm o hábito de ler, a maioria tem o primeiro contato com a literatura apenas quando chega à escola e, a partir daí, vira uma obrigação, pois infelizmente muitos de nossos professores não gostam de trabalhar com a literatura infantil e talvez desconheçam técnicas que ajudem a “dar vida às histórias” e que, conseqüentemente, produzam conhecimentos. Muitos não levam em conta o gosto da faixa etária em que a criança se encontra, sendo que, muitas vezes, o livro indicado ou lido pelo professor está além das possibilidades de compreensão da criança em termos de linguagem. A escritora Ana Maria Machado (2001, p. 23) diz que “é preciso ensinar aos alunos a beleza da língua e reafirma a noção de que o livro é um amigo que está sempre do nosso lado”.

Muito se escuta que os brasileiros não cultivam o gosto pela leitura, pois devido ao mundo moderno e globalizado, ligado à pressa, acaba por se esquecer dessa ação tão importante na vida diária. Devido aos meios de comunicação como TV e Internet, as relações interpessoais apresentam-se fragmentadas. As pessoas têm deixado de apreciar um bom livro, principalmente para entreter-se com meios de comunicação de massa, porque são de rápida absorção.

Estudos realizados na área apontam que a literatura infantil, se bem trabalhada, auxilia, não só na formação do caráter, como se teorizou por muito tempo, mas também na formação geral da criança enquanto pessoa crítica e bem informada. A criança que lê, adquire mais parâmetros para fazer comparações e selecionar as obras que lhe parecer melhor, tanto em situações escolares como em situações de sua vida cotidiana. A imaginação, o sonho, a fantasia, são fontes que alimentam a inteligência da criança, portanto, contribuem para sua formação. O mundo da ficção proporciona uma visão de mundo que, muitas vezes, preenche lacunas resultantes de sua restrita experiência de vida. Como diz Abramovch (1995):

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes como raiva, a irritação, o bem estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouvem - com toda plenitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar... Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos da imaginação (ABRAMOVCH, 1995, p. 17).

Concordando com a ideia do autor, através da contação de histórias as crianças podem sentir diversas emoções e viajar no mundo da fantasia, mas tudo isso só será possível se houver uma relação prazerosa entre o livro e a criança.

Experiências felizes com a literatura infantil são aquelas que as crianças vivenciam os papéis dos personagens, que associam a história ao seu cotidiano de tal modo que possam entender o mundo em que vivem, que descubram novos conhecimentos, mas para que tudo isso ocorra é preciso que o professor se planeje, que já tenha lido a história que vai contar e que procure uma forma para tornar aquela contação prazerosa para quem o escuta. Colaborando com isto, Bettelheim (1996) afirma que:

Para que uma história realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas, para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas soluções para os problemas que a perturbam (BETTELHEIM, 1996, p.13).

Ao levar uma literatura infantil para a sala de aula, o professor deve, antes de tudo, criar uma relação positiva entre o aluno, o livro e a sua realidade. Ler histórias para crianças é proporcionar e estimular os alunos a socializar, discutir e opinar o

seu ponto de vista diante a história contada e quem sabe até criar um novo final para a história. De acordo com Abramovich (1995):

Ler histórias para crianças, sempre, sempre... É poder sorrir, rir, gargalhar, com as situações vividas pelas personagens, com a ideia do conto ou com o jeito de escrever do autor e, então, poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de divertimento... É também suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras ideias para solucionar questões (como as personagens fizeram...). É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos – de um jeito ou de outro – através dos problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não) pelas personagens de cada histórias (cada uma a seu modo)... É a cada vez ir se identificando com outra personagem (cada qual no momento que corresponde àquele que está sendo vivido pela criança)... e assim, esclarecer melhor as próprias dificuldades ou encontrar um caminho para a resolução delas (ABRAMOVICH, 1995,p.17)

Portanto, a conquista do pequeno leitor se dá através da relação prazerosa com o livro, onde sonho, fantasia e imaginação se misturam numa realidade única e o levam a vivenciar as emoções em parceria com os personagens da história, introduzindo assim situações da realidade.

É importante contar histórias mesmo para as crianças que sabem ler, pois quando a criança sabe ler sua relação com as histórias é diferente, porém, continua sentindo enorme prazer em ouvi-las. Quando as crianças maiores ouvem as histórias, aprimoram a sua capacidade de imaginação, já que ouvi-las pode estimular o pensar, o desenhar, o escrever, o criar, o recriar. No mundo hoje tão cheio de tecnologias, onde as informações estão tão prontas, a criança que não tiver a oportunidade de suscitar seu imaginário, poderá, no futuro, ser um indivíduo sem criticidade, pouco criativo, sem sensibilidade para compreender a sua própria realidade. Portanto, garantir o convívio da literatura infantil com as crianças desde os primeiros anos de vida contribui para o desenvolvimento cognitivo, psicológico e motor das mesmas.

1.2 O uso da literatura infantil na prática pedagógica

O adulto deve servir de estimulador da criança apresentando-a diversas possibilidades de conversação e expressões, contribuindo assim, para aquisição da linguagem oral, dando-lhe atributos para posteriormente ingressar no mundo dos livros, da leitura e da escrita. Despertar o interesse de uma criança pela leitura, nos primeiros anos de vida, é fundamental e não deve ser interrompido, os pais e a escola são os primeiros responsáveis em aproximar o pré-leitor da literatura.

A literatura infantil é muito significativa para o desenvolvimento da criança. Porém, é muito importante entendermos como essa literatura é desenvolvida em sala de aula, se os professores são preparados e como veem essas histórias no processo de aprendizagem das crianças, pois o professor tem um papel primordial por manter um contato diário com os alunos.

Ninguém deve ser obrigado a gostar de ler. Cabe, então, aos educadores despertar o “adormecido” prazer pela leitura, pois, segundo Cunha (2003, p. 54), “formas de motivação verdadeira e um acompanhamento estimulante são sempre modos de ajudar o aluno a sentir-se em casa com o livro (e com qualquer outro objeto de arte)”. Sobre a leitura, Ruth Rocha (1983, p. 4) confirma essa ideia quando escreve que:

[...] a leitura não deveria ser encarada como uma obrigação escolar, nem deveria ser selecionada, vamos dizer, na base do que ela tem de ensinamento, do que ela tem de mensagem. A leitura deveria ser posta na escola como educação artística. Ela devia ser posta na escola como uma atividade e não como uma lição, como uma aula, como uma tarefa. O texto não devia ser usado, por exemplo, para aula de gramática, a não ser que fosse de maneira muito criativa, muito ativa, muito viva, muito engraçada, muito interessante, porque se assim não for faz com que a leitura fique parecendo uma obrigação, fique parecendo uma tarefa e aquela velha frase de Monteiro Lobato – É capaz de vacinar a criança contra a leitura para sempre (ROCHA, 1983, p. 4).

Em um mundo tão cheio de tecnologias, onde a maioria das crianças têm acesso a celular, *tablet*, computador, jogos virtuais, o lugar do livro parece ter sido esquecido. Há muitos que pensam que o livro é coisa do passado, que na era da internet, ele não tem muito sentido. Mas, quem conhece a importância da literatura na vida de uma pessoa, quem sabe o poder que tem uma história bem contada, quem sabe os benefícios que uma simples história pode proporcionar, com certeza

haverá de dizer que não há tecnologia no mundo que substitua o prazer de tocar as páginas de um livro e encontrar nelas um mundo repleto de encantamento.

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser um leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e compreensão do mundo (ABRAMOVICH,1993, p.16).

Para formar crianças leitoras é preciso fazer com que elas enxerguem na leitura uma possibilidade de divertimento e aprendizagem, precisamos ter, enquanto adultos, uma relação especial com a literatura, para que sejamos exemplos para as crianças, precisamos gostar de ler e procurar fazer a leitura com alegria, diversão, desejando inovar, fugir do tradicionalismo, para que seja um momento lúdico para todos.

A leitura de histórias é um momento em que o aluno pode vivenciar momentos, lugares, costumes, crenças e culturas diferentes do seu cotidiano. É o momento de descobertas, é a partir daí que as crianças pensam e relacionam a história ao seu convívio, a comunidade na qual está inserida.

Os professores podem promover na sala de aula momentos que as crianças possam compartilhar através de relatos de experiências vividas no seu dia-a-dia, uma história que a vovó contou, uma história de alguém que contribuiu na fundação do seu bairro, por exemplo, e quem sabe até chamar essa pessoa para contar essa história para as outras crianças da sala. Isso é uma fonte rica de informação sobre as diversas formas culturais de lidar com as sensações e emoções que contribuem para a construção da sensibilidade da criança através das histórias.

Ter acesso à literatura é dispor de uma informação cultural que estimula a fantasia, imaginação e desperta o prazer pela leitura, a intenção de fazer com que as crianças, desde cedo, apreciem o momento de sentar para ouvir história exige que o professor, como leitor, preocupe-se em despertar o interesse das crianças, criando um ambiente agradável e convidativo à escuta atenta, mobilizando a expectativa, permitindo que elas olhem o texto e as ilustrações enquanto a história é lida.

Quem convive com crianças sabe o quanto elas gostam de escutar a mesma história várias vezes, pelo prazer de reconhecê-la, de aprendê-la em seus detalhes,

de cobrar a mesma sequência e de antecipar as emoções que teve da primeira vez que foi lida. Isso mostra que as crianças que escutam muitas e muitas histórias, podem construir um saber sobre a linguagem escrita, corporal, gestual, verbal, musical e plástica. Segundo Bettelheim (1980, p. 94), uma história só vai prender a atenção de uma criança, se ela de fato “entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas, para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas aspirações”.

Ao contar uma história deve-se falar com entonação e descrever algumas características dos personagens e o lugar onde se passa a história, para que as crianças tenham elementos para usar a sua imaginação, é poder sorrir, sentir tristeza ou raiva com as situações vividas pelos personagens, é também dar lugar ao imaginário, fantasiar e ter curiosidade saciada sobre as mais diversas questões. Para que isso ocorra, é bom que quem esteja contando a história crie um clima de envolvimento, que saiba dar pausas, criar os intervalos, respeitando o tempo necessário para que cada criança possa construir seu cenário, visualizar seus monstros, suas princesas, seus príncipes, suas bruxas, seus heróis e muitas outras coisas.

É importante também que o contador saiba utilizar as modalidades e potencialidades de sua voz, sussurrando quando o personagem fala baixinho, levantando a voz quando uma algazarra estiver acontecendo ou falar mansinho quando a ação for calma. É nesses detalhes que as crianças realmente se envolvem com as histórias e nelas buscam elementos para enriquecer ainda mais sua imaginação e fantasia, bem como, novos subsídios para as suas brincadeiras.

A história é uma oportunidade que a criança tem de brincar de ser aquilo que ela imagina ser encantador, é fundamental para o desenvolvimento de seu pensamento e ainda possibilita inúmeras sensações e representações nas brincadeiras, nos gestos, nas falas, nas expressões, no momento de recontá-las ou dramatizá-las. Este é o momento que as crianças possuem para fantasiar e imaginar os seus sonhos.

A contação de histórias ocorre no mundo escolar há muitos e muitos anos e vários professores ainda não perceberam que os contos de fadas podem ajudá-los em sua missão de educadores, dessa forma a partir desse tema é importante identificar com a literatura infantil pode auxiliar no processo de desenvolvimento individual dos alunos, tanto dentro da escola, como também nas suas relações

sociais em outros espaços. Quando se fala em contos de fadas, Bettlheim (1980) diz que eles:

são os mais indicados para as crianças a encontrarem um significado na vida, pois ao estimular a imaginação, desenvolvem o intelecto, harmonizam-se com suas ansiedades e tornam clara suas emoções, são enriquecedoras, satisfatórias e ajudam a auxiliar no raciocínio das pessoas (BETTLHEIM, 1980, p.27).

Os livros infantis têm o papel de incentivar a leitura e a fruição da literatura como arte, objetivando transmitir valores que determinam atitudes éticas, que possibilitam a melhor convivência no ambiente escolar. Através dos livros lidos na sala de aula pelos próprios alunos ou contados pelos professores, é possível perceber que as crianças vivenciam tudo aquilo que, muitas vezes, almejam como: o afeto de seus pais, um brinquedo, uma alimentação e moradia digna, e tantas outras coisas que a vida real pode não lhes proporcionar. Assim, a presença da literatura infantil na escola, além de ajudar no desenvolvimento da leitura, também representa um estímulo forte na formação de seres humanos melhores e perseverantes na busca do sucesso.

Adquirindo gosto pela leitura, a criança passará a escrever melhor e terá um amplo conhecimento e informações. No mundo atual, a literatura infantil surge como uma fonte de conhecimento que enriquece a formação da criança desde o seu primeiro contato com as histórias.

Um dos aspectos que o professor precisa entender para utilizar a literatura em sala de aula é que na verdade ela não seria apenas um instrumento para ensinar a ler, pois de acordo com Bettelheim (1978), a aquisição de habilidades, inclusive a de ler, fica destituída de valor quando o que se aprendeu a ler não acrescenta nada de importante a nossa vida, isso por que o autor afirma que todos tendemos a avaliar méritos futuros de uma atividade na base do que ela oferece no momento.

O professor deve observar que quando as histórias contadas aos alunos são pouco atrativas, não ajudam a enriquecer a vida da criança, porque o que na verdade é importante para o seu desenvolvimento seria o que é significativo para ela naquele estágio em que ela se encontra. Assim, o autor traz alguns aspectos que devemos perceber:

Para que uma história realmente prenda a atenção da criança deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas, para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações: Resumindo, deve de uma só vez relacionar-se com todos os aspectos de sua personalidade, e isso sem nunca menosprezar a criança, buscando dar inteiro crédito a seus predicamentos e simultaneamente, provendo a confiança nela mesma e no seu futuro (BETTELHEIM, 1978, p.13).

Como destacou Bettelheim (1978), a criança precisa desenvolver uma confiança nela mesma e no seu futuro e o educador precisa ter uma consciência do seu papel em sala e de como ela pode auxiliar o aluno nessa caminhada de descoberta. Resumidamente, é ouvindo história que a criança constrói o mundo das ideias abstratas, vivencia experiências que enriquecem seu conhecimento real e povoam a sua imaginação com elementos da sua fantasia e do jogo simbólico.

Se o professor acreditar que além de ensinar, o livro pode dar prazer, ele fará com que as crianças se interessem cada dia mais pelas inúmeras descobertas que a leitura pode lhes proporcionar e queiram buscar no livro este conhecimento, essa fantasia, essa viagem nas páginas dos livros. Enfim, a literatura infantil é uma inesgotável fonte de estudos que exige do professor conhecimento para saber adequar os livros às realidades das crianças gerando um momento favorável de prazer e estímulo à leitura.

2 RELATÓRIOS DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO

O presente capítulo tem como objetivo descrever as etapas dos três estágios supervisionados que foram realizados durante o curso de Licenciatura em Pedagogia; foram eles, respectivamente: Estágio supervisionado I - Gestão escolar; Estágio supervisionado II - Educação Infantil; Estágio supervisionado III - Ensino Fundamental (1º ao 5º Ano).

2.1 Estágio Supervisionado I - Gestão escolar

O Estágio Supervisionado I em gestão escolar teve como orientadora a professora Edilazir Lopes e foi realizado em grupo na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Júlia Vitória, na rua Dadá Freire S/N, no município de Remígio, estado da Paraíba.

A escola atende a crianças do Ensino Infantil ao Fundamental, com frequência de duzentos e cinquenta alunos, divididos nos horários da manhã e tarde. O corpo docente é composto por dez professoras, todas com curso superior, uma gestora, uma secretária, uma vice-diretora, quatro auxiliares de serviço geral e um porteiro.

As observações feitas sobre a situação atual da escola proporcionaram conhecer sua realidade pedagógica e administrativas. As atividades de gestão observadas e analisadas foram muito interessantes e instrutivas, uma vez que a diretora da escola se mostra comprometida com suas obrigações desenvolvendo um trabalho democrático e participativo, em comum acordo com os demais funcionários da instituição.

Sabemos o quanto é importante uma gestora competente, preparada, corajosa, que discuta os problemas com a comunidade, que saiba escutar as sugestões e as críticas, pois é a partir de uma avaliação que se corrigem os erros e se alcança o sucesso. Após a observação na escola, interrogamos a gestora, juntamente com a professora orientadora do estágio Edilazir Lopes, sobre o maior problema enfrentado pela escola atualmente, embora esperássemos reclamações com relação à estrutura ou algo do gênero, a diretora surpreendeu-nos ao responder que era o *bullying*.

Fotografia 1: Reunião com a gestora da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Júlia Vitório



Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Júlia Vitório

Fonte: da autora

De acordo com Santomauro (2010), *Bullying* é a prática de atos violentos, intencionais e repetidos, contra uma pessoa indefesa, que causam danos físicos e psicológicos. O termo vem do inglês (*bully*) que significa tirano, brutal. A violência é praticada por um ou mais indivíduos, com o objetivo de intimidar ou agredir a vítima.

Como é sabido, o *bullying* é uma ameaça à dignidade humana e tem uma incidência enorme nas escolas. Então, a partir deste relato feito pela diretora acerca de sua preocupação com estas ocorrências na instituição, decidimos elaborar um projeto colaborativo com o objetivo de estimular o respeito às diferenças dentro e fora do ambiente escolar.

Nessas circunstâncias, percebemos a importância que os educadores, gestora, coordenadora têm para educação dessas crianças, considerando-se também que a família, muitas vezes não tem estrutura para manter um diálogo aberto e adequado sobre temas que envolvem preconceitos já tão arraigados na nossa sociedade. É corriqueiro nos depararmos com agressões gratuitas desencadeadas tão somente por preconceito, intolerância e desafeto entre crianças da nossa comunidade educativa. Devemos, neste caso, manter um trabalho para sensibilizá-los, a fim de diminuir esse tipo de comportamento que, por vezes, tem como desculpa a falta de informação. Silenciar não é uma atitude coerente com a prática educativa, democrática e saudável. Nesse contexto, a união entre a direção escolar, os professores, os funcionários e os pais é de fundamental importância para a construção de uma escola onde haja respeito e dignidade entre todos.

Após as pesquisas bibliográficas, iniciamos o desenvolvimento do projeto colaborativo *Bullying*, com atividades direcionadas às crianças do 5º ano do Ensino Fundamental. No primeiro dia de prática docente, iniciamos com um texto

informativo sobre o que é *Bullying*, discutimos o texto e em seguida apresentamos um vídeo: *O concurso (Turma da Mônica)*, a partir do qual foi feita outra discussão associando ao convívio dos alunos na escola.

No segundo dia, confeccionamos um cartaz com palavras escritas pelos alunos com nomes de *Bullyngs* sofridos pelos alunos, em seguida dialogamos sobre os sentimentos que estas palavras causam.

Fotografia 2: Alunos assistindo ao vídeo da Turma da Mônica



Sala de vídeo da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Júlia Vitório
Fonte: da autora

Fotografia 3: Cartaz produzido pelos alunos



Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Júlia Vitório
Fonte: da autora

Seguindo com as atividades programadas, contamos a história: “Bater é Malvadeza”, de Cristina Klein, aos alunos e depois realizamos uma interpretação oral dela. No quarto dia, confeccionamos um cartaz contra o *Bullying* e continuamos com as atividades apresentando aos alunos o vídeo da música: *Você é especial*, interpretada pela cantora Aline Barros, com a qual os alunos cantaram e gesticularam.

Fotografia 4: Cartazes produzidos pelos alunos



Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Júlia Vitório
Fonte: da autora

No quinto e último dia de intervenção do estágio, realizamos a culminância do projeto colaborativo *Bullying* com a participação de todos os funcionários, alunos e pais. Contamos, ainda, com a presença do secretário de educação do município de Remígio e da professora orientadora do estágio Edilazir Lopes. Neste momento final, apresentamos slides informativos, panfletos, cartazes confeccionados pelos alunos e uma dramatização da música “Você é especial”, de Aline Barros.

Fotografia 5: Culminância do projeto colaborativo *Bullying*



Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Júlia Vitória

Fonte: da autora

Essa experiência de estagiar em gestão escolar foi muito proveitosa contribuindo para que aprendêssemos sobre a enorme responsabilidade de gerir uma escola, de lidar com várias pessoas diferentes e buscar incansavelmente o sucesso coletivo.

2.2 Estágio Supervisionado II Educação Infantil

O Estágio Supervisionado na Educação Infantil teve como orientadora a professora Ruth B. Araújo Ribeiro e foi realizado na Creche Municipal Padre Lambert de Groot, situada na cidade de Arara, estado da Paraíba. Ali cada aluno é considerado um sujeito ativo que constrói seu conhecimento por meio das interações sociais podendo ser um agente de transformação social.

A creche foi fundada em 19 de março de 1997 sobre a gestão do prefeito José Ibiapina Soares do Nascimento. Através do requerimento nº 07/97 passou a se chamar oficialmente Creche Municipal Padre Lambert de Groot em homenagem ao sacerdote holandês que permaneceu na cidade de Arara por mais de uma década e

realizou importantes e significativos serviços de evangelização, como também cuidou dos enfermos da localidade. Em 1998 passou a funcionar em prédio próprio, localizado na rua Joaquim Cândido do Nascimento.

O quadro de funcionários da instituição é composto por vinte e nove profissionais exercendo diferentes funções, sendo elas: diretora, vice-diretora, secretária, psicóloga, professoras, auxiliares de salas, berçaristas, porteiros, auxiliares de serviço geral, cozinheiras e lavadeiras, uma realidade totalmente diferente de uma escola regular.

A instituição atende um total de sessenta e duas crianças, distribuídas em: dezessete crianças no Berçário, dezesseis crianças no Maternal, dezesseis crianças no Pré I e treze crianças no Pré II. Essa distribuição se dá em função da faixa etária de cada criança: de zero a dois anos e seis meses de idade no Berçário; de três anos e sete meses a três anos e onze meses de idade no Maternal; de quatro anos de idade no Pré I e as crianças de cinco anos de idade no Pré II, aos seis anos as crianças passam a frequentar o primeiro ano do Ensino Fundamental na escola regular. A creche Padre Lambert de Groot é um ambiente de afetividade e respeito entre todos, que proporciona às crianças acolhimento e segurança por se sentirem amadas e respeitadas.

Com relação à proposta pedagógica da Creche Padre Lambert de Groot, esta está baseada nos princípios Piagetianos onde são respeitadas as etapas do desenvolvimento de cada faixa etária. Esta desenvolve uma pedagogia fundamentada no processo de interação, proporcionando condições do educando construir seu próprio conhecimento.

O Estágio Supervisionado em Educação Infantil teve 100 horas de duração, divididas em: trinta horas com fundamentação teórica, vinte horas com observação no campo de estágio, vinte horas com planejamento, vinte horas com prática de intervenção docente e dez horas com relatório. Para sua realização, elaboramos um projeto anual com auxílio do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RECNEI), Volume 3, assim como, um projeto de trabalho, que consiste em um conjunto de atividades que enfocam o conhecimento específico a partir dos eixos temáticos e cinco planos de aula.

No estágio de observação tivemos a oportunidade de fazer a diagnose da instituição, investigando o contexto educativo, bem como o acompanhamento didático-pedagógico no exercício das atividades, tornando um campo produtivo para

o projeto de pesquisa. Terminado o período de observação decidimos elaborar o projeto de intervenção de acordo com os conteúdos programados oferecidos pela Secretária de Educação.

Nossas aulas foram realizadas com muita ludicidade, a partir de músicas infantis, jogos, contação de histórias, coordenação visomotora e cartazes. Sendo assim, percebemos que através do lúdico é possível que haja interação com o mundo em que se vive, pois, por intermédio da simbologia das coisas, a criança é capaz de transformar um objeto em outro, desenvolvendo assim, a sua criatividade, que é, como conceitua Queiroz (2003):

a mobilização das capacidades, motivação, cargas afetivas, necessidades, interesses, aptidões que possibilitam as crianças a criar, conceber, imaginar, contribuir por meio da ação física ou mental, fazendo surgir algo que ela sinta como nova invenção (QUEIROZ, 2003, p. 75).

Percebe-se que através dos momentos lúdicos em sala de aula há mais interação e aprendizagem por parte das crianças. Isto foi notório na aula de linguagem, ao contar a fábula “A rã invejosa” com uso de fantoche percebemos o quanto os alunos se envolvem no mundo imaginário, e o mais impressionante, depois eles mesmos dramatizaram a história. Essa aula foi muito prazerosa e envolvente, os discentes participaram e se mostraram muito felizes.

Segundo Coelho (2000, p. 26), “a criança através da literatura infantil entra no texto e viaja no mundo da fantasia e do questionamento. Nesse sentido, a leitura pode ser vista, convivida, sentida, falada, ouvida e contada”. Em concordância com a ideia do autor, vemos que o ato de contar uma história a uma criança faz com que ela viaje no mundo da imaginação e com que se sinta presente naquele mundo, como demonstrado na aula de linguagem.

Fotografia 6: Leitura com os alunos



Creche Municipal Padre Lambert de Groot
Fonte: da autora

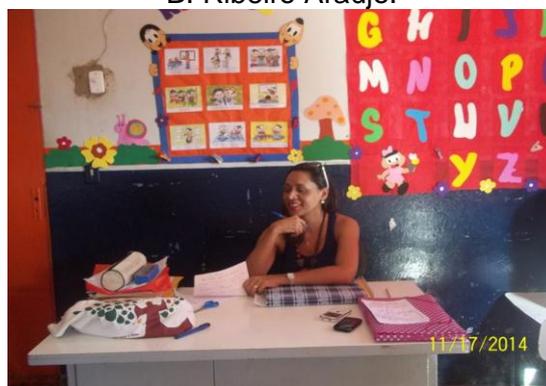
Na aula de artes visuais não foi diferente, trabalhamos o passo-a-passo da confecção de um bichinho com uso de bexigas e isso fez com que as crianças ficassem muito interessadas e ansiosas. Quando perceberam que o animalzinho que estavam montando era um sapo começaram a desenvolver sua oralidade cantando músicas infantis do sapo, recontando a fábula trabalhada na aula anterior (A rã invejosa), o que tornou a aula muito interessante e participativa. Vale destacar a presença e auxílio da professora Ruth B. Ribeiro Araújo.

Fotografia 7: Alunos confeccionando o sapo



Creche Municipal Padre Lambert de Groot
Fonte: da autora

Fotografia 8: Professora convidada Ruth B. Ribeiro Araújo.



Creche Municipal Padre Lambert de Groot
Fonte: da autora

Ao concluir o estágio supervisionado em Educação Infantil, percebemos que é possível melhorar a prática em sala de aula através de um bom planejamento como o que foi elaborado para este estágio, pois através das experiências vividas conseguimos adquirir novos conhecimentos de grande relevância para uma melhor atuação em sala de aula, uma visão crítica de como funciona a rotina da educação infantil.

2.3 Estágio Supervisionado III (1º ao 5º ano do Ensino Fundamental)

O Estágio Supervisionado III foi individual e orientado pelo professor Francisco José da Silva Dias. Essa experiência permitiu o aprimoramento da prática em sala de aula, a partir do contato com as realidades vivenciadas no âmbito educacional. Como vem nos dizer Pimenta e Gonçalves (1990, p. 13), “a finalidade do estágio é propiciar ao aluno uma aproximação da realidade na qual atuará”, poisé

através do estágio, tendo uma base teórica, que torna-se possível perceber que o cuidar e o educar são indissociáveis para o desenvolvimento da criança e para a atuação do educador. O estágio no Ensino Fundamental é a oportunidade do aluno de pedagogia estabelecer relações entre a teoria e a prática. É o momento que temos a oportunidade de vivenciar tudo aquilo que aprendemos em sala de aula, é tempo de conhecer, analisar e experimentar.

O estágio foi realizado na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Joaquim Alves da Silva, situada na cidade de Arara, Paraíba. Essa escola atende crianças e adultos a partir de quatro anos de idade, nos turnos manhã, tarde e noite. Ela foi construída a partir de uma doação de terreno do patrimônio da prefeitura de Arara. A instituição recebeu o nome de Joaquim Alves da Silva em homenagem a um senhor homônimo, por ser um cidadão muito respeitado naquela comunidade.

A construção da escola teve início no ano de 1985, na administração do Sr. Moacir Jerônimo da Costa e foi concluída na administração do Sr. José Medeiros dos Santos no ano de 1989. Desde então, a escola se destaca pelo belo trabalho desenvolvido com seus educandos.

A organização administrativa da instituição é contemplada por programas federais como: Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE), com participação do conselho escolar; Programa Nacional de Alimentação na Escola (PNAE), que oferece uma merenda saudável às crianças que ali estudam. A escola também é contemplada com o Programa Mais Educação, ampliando a jornada dos alunos na escola com a proposta de educação integral, contando com a participação de cem alunos.

Um dado interessante diz respeito às salas de aulas que são organizadas em espaços diversificados e flexíveis que permitem modificações no decorrer do ano. Essa organização propicia espaço de convivência e oportunidades para que os alunos assumam pequenas responsabilidades, tomem decisões, discutam seus pontos de vista, façam escolhas e expressem seus pensamentos, através de diversas linguagens. As atividades são desafiadoras, significativas e integradas, proporcionando às crianças investigarem a realidade observando, explorando, fazendo perguntas, criando hipóteses, experimentando possibilidades e partilhando ideias e sentimentos.

O quadro de funcionários da instituição é composto por quinze pessoas, com diferentes funções sendo elas: coordenadora pedagógica, diretora, vice-diretora,

secretária, professoras, auxiliares de serviços gerais, porteiro e cozinheiras. O corpo discente é formado por duzentos e sessenta e um alunos, divididos por idade e séries na educação infantil, ensino fundamental e EJA.

A escola campo de estágio mostrou-se comprometida com sua função de educar e está em constante busca por meios que viabilizem o processo de ensino/aprendizagem de modo a favorecer o desempenho de sua clientela. Nesse sentido, vale destacar a disponibilidade dos educadores em participar de cursos de formação continuada como o Pacto Nacional de Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) com o intuito de adquirir conhecimentos que facilitem seu desempenho em sala de aula, desenvolvendo estratégias relevantes para aflorar o saber de modo prazeroso, significativo e de forma lúdica.

Durante o período de observação na E. M. E. I. F. Joaquim Alves da Silva registramos os recursos que a escola recebe, a clientela atendida, a teoria que sustenta e orienta o trabalho da escola e como é feito o planejamento pedagógico.

Para a intervenção docente elaborei cinco planos de aula, para ministrar na semana a partir dos conteúdos sugeridos pela professora efetiva Erivânia Pereira Ibiapina. Ao ministrar minhas aulas tentei repassar os conteúdos aos alunos de forma prática e objetiva, na aula de ciências a professora sugeriu que eu trabalhasse o ar, então com uso da literatura, por intermédio do livro “Ar: Pra que serve o Ar?”, de Anna Cláudia Ramos. Realizamos a leitura e discutimos a importância do ar, posteriormente realizamos uma dinâmica utilizando balões, na qual as crianças encheram seus balões e depois socializamos como conseguimos fazer aquilo.

Outra aula também que os alunos interagiram bastante foi a de ensino religioso, nessa aula trabalhamos valores com o tema preconceito, com a visualização do vídeo-livro “A tartaruga infeliz”, de Therezinha Casasanta. Depois realizamos uma discussão sobre o vídeo, relacionamos com o tema preconceito a partir de cenas que mostram nossas práticas cotidianas. Posteriormente cantamos a música: Você é especial, da cantora Aline Barros. Neste dia contamos ainda com a presença do orientador do estágio supervisionado Francisco José da Silva Dias, que veio observar minha prática em sala de aula.

O Estágio Supervisionado III foi o que mais exigiu de mim, foi o mais desafiador que realizei, pois devido tantos anos de experiência em educação infantil senti um certo receio em lecionar no ensino fundamental, mesmo assim foi tudo muito válido.

Ao concluir os estágios supervisionados, ficou a certeza da importância de conhecer a realidade de uma instituição escolar, a interação com os profissionais foi extremamente enriquecedora, proporcionando a mim novas práticas educativas prazerosas e generosas de conhecimentos, estabelecendo desta maneira, uma relação entre o aprender brincando. Daí entende-se que ser professor é buscar propostas desafiadoras na construção do processo de conhecimento sempre procurando através de estudos bibliográficos e metodológicos algo que venha a contribuir para o bom trabalho em sala de aula.

Após realizar todos os estágios percebi, através de minhas práticas docentes, o quanto a literatura se faz presente na sala de aula, na aprendizagem dos alunos, desenvolvendo nas crianças o prazer pela leitura, além de nos auxiliar de forma até interdisciplinar nos conteúdos programados de outras áreas específicas. Essa vivência me trouxe subsídios para uma visão crítica de como é formado o espaço físico de uma escola, como funciona a rotina de uma gestora, o ensino infantil e o ensino fundamental, enfim, o cotidiano da minha futura profissão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desse trabalho sobre Literatura Infantil, consegui aprimorar meus conhecimentos relacionados ao seu histórico, seu percurso para se consolidar na escola, seu encanto e seus autores. Esse trabalho proporcionou-me descobertas como a história do maior autor da literatura infantil brasileira Monteiro Lobato e a importância que a literatura infantil tem na formação de crianças leitoras.

Com o estudo realizado, consegui obter a certeza de que as crianças realmente se interessam por ouvir histórias, ainda que no berço, pois para ler um livro não é preciso que a criança decodifique as palavras, ao folhear o livro, ver as ilustrações, socializar com as demais pessoas aquilo que observou, isto já é leitura.

Podemos perceber ao longo do texto como é importante saber escolher os textos adequados para cada faixa etária, pois já que o interesse das crianças pela literatura infantil é algo inevitável, então é cabe a nós, enquanto educadores, fazer um trabalho respeitando cada fase da criança. Isso evidencia o relevante papel que o contador de histórias tem na formação desses pequenos leitores, afinal, ao contar histórias faz com que os alunos viajem no mundo da imaginação, revivam aquela história, aquele personagem, associem à sua vida cotidiana e ainda desenvolvam sua oralidade e, principalmente, o gosto pela leitura.

Enfim, viver em uma sociedade em que a leitura e a escrita estão por todas as partes do convívio da criança, onde a língua é um fenômeno social, cultural e dinâmico que muda constantemente de acordo com o contexto social, faz com que a literatura só tenha a contribuir como instrumento de transformação da própria realidade. Desenvolver este trabalho foi maravilhoso e, acima de tudo, aumentou ainda mais o meu interesse em continuar trabalhando em sala de aula com a literatura infantil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5 ed. São Paulo: Scipione, 1995.

_____. _____.3. ed. São Paulo: Scipione, 1993.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos Contos de Fada**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____. _____. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980.

_____. _____. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. Ministério da Educação e Secretaria de Educação Fundamental: Brasília, 2003.

COELHO, Nelly Novaes, **Literatura infantil – Teoria, Análise, Didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil: teoria & prática**. 18. ed. São Paulo: Ática, 2003.

GARCIA, Sílvia Craveiro Gusmão. & FANCICANI, Eliane Fernandes. **Literatura Infantil e escola: Algumas considerações**. São Paulo. Disponível em: alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem08pdf/sm08ss02_06.pdf. Acesso em: jul. 2015.

MACHADO, Ana Maria. A literatura deve dar prazer. **Nova Escola: a revista do professor**, São Paulo, v.16, n.145, p.21-23, set.2001.

PIMENTA, Selma Garrido & GONÇALVES, C. L. **Reverendo o ensino de 2º grau, propondo a formação do professor**. São Paulo: Cortez, 1990.

QUEIROZ, T. D. **Dicionário Prático de Pedagogia**. São Paulo: Ridel, 2003.

ROCHA, Ruth. Pra não vacinar a criança contra a leitura. **Leitura: teoria & prática**. Campinas, v. 2, p. 3-10, out. 1983.

SANTOMAURO, Beatriz. Cyberbullying: a violência virtual. **Revista Nova Escola**. São Paulo, Ano XXV, edição 233, p. 67 – 73, junho/ julho 2010.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Literatura infantil brasileira: um guia para professores e promotores de leitura**. 2. ed. Goiânia: Cênone Editorial, 2009.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 5. ed. São Paulo: Global, 1995.